



TIPO DE BELEZA: Judia da Syria

N.º 372 Lisboa, 7 de Abril de 1913

Assinatura para Portugal, colonias
portuguezas e Hespanha:

Illustração
PORTUGUEZA

Dirécção e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE' JOUBERT CHAVES

Peçam a este Homem que lhes leia a Vida

O SEU PODER EXTRAORDINARIO DE LER AS VIDAS HUMANAS, SEJA A QUE DISTANCIA FOR, ASSOMBRA TODOS AQUELES QUE LHE ESCREVEM

Milhares de pessoas, em todas as sendas da vida, tem tirado bom proveito dos conselhos d'este homem. Diz-lhes, quasi os destinos que as suas capacidades lhes permitem e dá, que modo poderão atingir o bom exito desejado. Indica-lhes os amigos e os inimigos e descreve os bons e os maus periodos de cada existencia. A descrição que faz do que diz respeito aos acontecimentos passados, presentes e futuros causar-lhes-ha espanto, e servir-lhes-ha de auxilio. E tudo quanto este precisa para o guiar no seu trabalho limita-se a isto: o nome da pessoa (escreva a propria mão d'ella), a data do nascimento e a declaração do sexo. E' escusado mandar o dinheiro. Otem o nome d'este jornal e obta de uma Leitura d'Ensaio gratuita. Se a pessoa que isto lár quiser aproveitar este offerimento especial e obter uma revista da sua vida, não lem mais que enviar o seu nome, apelido, morada e data do seu nascimento (dia, mez e ano, tu do bom claramente escrito e explicado), quer seja senhor, senhora ou menina solteira, copiando tambem a sua letra os versos seguintes:



São milhares os que nos dizem
Que das conselhos sem par:
Para atingir a ventura
Queris-me o caminho ensinar?
A pessoa que escrever, se essa fór a sua vontade, póde juntar ao seu pedido a quantia de 150 réis em estampilhas portuguezas (500 réis em estampilhas brasileiras) para despesas de porte e d'escritorio. Dirija a sua carta a Clay Burton Vance, Suite 3069, E., Palays Royal, Paris, França. As cartas para a França devem ser franqueadas com 50 réis moeda portugueza (ou 200 réis moeda brasileira).

= Para que viver?

triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegrias, sem felicidade quando é tão facil obter FORTUNA, SAUDE, SORTE, AMOR CORRESPONDIDO, GANHAR AOS JOGOS E LOTERIAS, pedindo a curiosa brochura GRATIS do professor YVALO, 35, B'U-LEVARD BONNE NOUVELLE—PARIS.

Piperazina MIDY
cura Gota, Reumatismo, Areia.
Exijir a Marca MIDY PARIS

MEDALHA DE OURO, EXPOSIÇÃO UNIVERSAL PARIS 1000

Perfume exquisito
DIVINIA
Parfumerie F. Wolff & Sohn
Karlsruhe

Um perfume fortissimo de inexcidível aroma num frasco muito elegante de cristal finissimo. Encontra-se em todas as boas casas que vendem perfumarias.



Stilli-Flore

Perfume d'uma concentração até hoje desconhecida.

Basta uma gotta para se perfumar.

MODO D'EMPREGO:
Desaparafusar a tampa e exercer uma ligeira pressão na extremidade do Stilli-Flore.

PERFUMARIA ORIZA L. LEGRAND
11, Place de la Madeleine PARIS
14-15, Conduit Street, LONDON

Comprem os Bordados Schweizer

que vendemos franco de porte a domicilio directamente da Suissa

BLUSAS Desde frs. 5.80 **VESTIDOS** Desde frs. 15

VESTIDOS PARA CRIANÇA Desde frs. 6.75

do melhor bordado suíço, sobre batiste, voile, tulle, crêpon, marquissete, lá e sobre sedas novidade.

PEÇAM AMOSTRAS E FIGURINOS FRANCO

Os nossos vestidos bordados, se vendem sem confeccionar mas enviamos os padrões cortados para todas as nossas modeltos e em todas as medidas a quem os pedir.

SCHWEIZER & C.
LUGERNE A 22 (Suissa)



Ilustração Portuguesa

A SAUDADE DE AMAR

I

Ao vêr-se dolorosamente abandonada, com uma criança de tenra idade nos braços, por aquele a quem tudo havia sacrificado, n'uma cequeira de alma, desde a beleza do corpo sem mancula á paz da consciencia, Joana Rosa, estreitando a filha contra o seio palpitante — como se quizesse que ela, na sua innocencia, comprehendesse a dôr que a atormentava pelo desordenado pulsar do coração — exclamou, n'uma voz entrecortada de soluções:

fôra escarneçada, na ingenuidade com que se havia entregado e na submissão com que suportou a tirania sarcástica do sedutor. Dera-lhe, sem hesitações, a sua ventura de mulher, confiara-lhe o seu destino na terra. E afinal para quê? Apagada a febre sensual dos primeiros mezes de idílio, vieram as maneiras bruscas, o tédio da saciedade, as acusações injustas e até as pancadas, quando Joana Rosa lhe supplicava, de mãos postas, que a não mortificasse, maldizendo-a por causa de uma falta irreparavel que praticára movida pelo imenso amor que lhe tinha. Por fim, ele cançara-se mesmo de a torturar e



— Deus te crie para a felicidade, meu amor. Mas quando fores grande, se encontrares no teu caminho algum homem, foge d'ele, não escutes o que te disser, não tenhas fé nos seus juramentos, porque senão serás desgraçada!

E ansiosamente, com o peito oppresso, desafogava a sua amargura beijando a pequenina que tinha um riso de candura celeste no cravo da boca. Joana Rosa chegou, n'esse momento allitivo, a desejar a morte, o perpetuo repouso n'uma cova muito funda, cobrindo para sempre, com a sua mocidade desbotada e traída, as suas tristezas e as suas misérias: mas, reparando desvairadamente em Maria, ainda de peito, sentiu a redentora necessidade de consagrar a sua enfiada a tanta fragilidade e a sua experiencia do sofrimento a tanta ignorancia. Ela

fugira-lhe, de certo para outras amantes, deixando-a varada pela magua lancinante de perdê-lo, apesar da sua crueldade, e na humilhação dramatica da sua vergonha. Maria salvou-a então, enleando-lhe os bracinhos rosados á volta do pescoço e rindo um claro riso de meninice que tocava de luz a escuridão do casebre. Para ela quiz viver, dedicando-se-lhe com o carinho de quem cuida uma roseira que ainda não floriu.

Oh! aquella filha! Quantas penurias heroicamente experimentadas por ela! Quantos sonhos de terrura ia tecendo sobre a sua cabeça luarisada de claridade! Para Maria idealisava todas as venturas elisaeas, toda a suavidade, toda a candidez! A sua mão atenta saberia afastar a das ciladas e das tentações. E ao vê-la formar-se, descuidada-

mente, a seu lado ia-lhe incutindo no entendimento adormecido, para melhor a defender no futuro, o horror pelos homens, ensinando-a a temel-os.

— Foge d'elles, meu amor do ceu, porque mentem com as palavras e com a alma!

A criança fitava na mãe a vista espantada, o que fazia reentrar Joana Rosa na realidade das coisas.

Sou doida! Tu não podes entender-me ainda! Que Deus assim te conserve sempre.

Monotonos, lentos anos passaram. Na adolescência, Maria perdeu, de repente, a serenidade da infância, vivendo na permanente inquietação de espirito produzida na sua doentia sensibilidade pelo fino desabrochar de uma esperança misteriosa — oh! uma esperança ao mesmo tempo consoladora e acre, feita de saudade, de jubilo e de melancolia, que em certa manhã divina daria flôr, como as arvores pelas primaveras romanticas. Na sua alma baralhavam-se, confundiam-se multiplas sensações, que ella não sabia exprimir por palavras e que a traziam n'uma irritação constante.

Maria era uma figura delicada e franzina em que apenas começavam a arredondar-se os seios virginaes, na leveza, na tenuidade das roupagens. Animava-lhe o pallido rosto uma grande mobilidade de linhas fisionomicas: e sob a testa alta e branca, enquadra pelos cabelos pretos, ardiam n'um brilho febril os olhos de um negro liquido. Denunciava inexplicaveis curiosidades e subtilizas de intelligencia; e o seu carater, por vezes violento, impulsivo e taciturno, levava-a a recusar o convívio das outras raparigas. Isolava-se na penumbra, no silencio atavel do seu lar onde nem sempre havia paz, sobretudo quando faltava o pão na arca e a lenha no lume. Auxiliando a mãe nos trabalhos de costura, lidava ativamente desde o raiar da alvorada até horas mortas da noite, á luz do candieiro.

Quando havia luar e o ceu pespontado a estrelas de prata resplandecia maravilhosamente, erravam em baixo, pelas ruas solitarias, as serenatas inspiradoras cantando para os astros as meigas canções amorosas. Ouvindo-as, Maria alligia-se e o olhar vidrava-se-lhe de lagrimas. Joana Rosa, costurando junto d'ella, extranhava aquele pranto subito, aquele padecimento transbordando d'um coração que ainda não tinha vivido e que parecia já contaminado pelos irremediaveis males da vida. Com voz tremula de emoção, perguntava-lhe:

— Que tens tu, minha filha?

— Eu? — interrogava ella surpreendida, enxugando as faces ao avental. Não tenho nada!...

— Mas porque choras?

— Não sei! Queria acabar aí para um cântico!...

— E deixavas-me, a mim que não tenho mais ninguém? — bradava a mãe n'um grito.

Assim fóra crescendo Maria, sendo para Joana Rosa uma luminosa imagem, nunca esquecida, de algum outro'ora muito amado, o unico refugio venturoso que o mundo concedia á sua pobreza e á sua desdita. Era feia: mas os piedosos olhos maternos vislumbravam no seu rosto uma beleza incomparavel que tudo iluminava em redor, na radiação da graça, alvrescente.

II

Aos dezoito anos, Maria era já um braço forte nas batalhas da vida caseira. Para a ter bem perto de si, Joana Rosa não a mandára á escola. Não aprendera a lêr, mas adextrára-se na labuta que seria, mais tarde, o seu ganha-pão. Vigiando-a ciumentemente, a mãe nunca d'ella se separava. Trazia-a sempre á sua beira, como a uma irmã mais nova, por considerá-la n'uma edade propicia ao ludíbrio dos sentidos: mas, como ninguém reparava em Maria, Joana Rosa gosava um profundo contentamento. Todo o seu recio era que um dia algum acordasse, maldosamente,

para comoções nem sequer suspeitadas, esta pequenina alma humilde e feliz na sua humildade. Ao contrario das outras mães, Joana Rosa vivia satisfeita pelo facto dos rapazes do bairro desdenharem ironicamente a fealdade da filha. Pobresinha como era, se viesse a sair de casa, pelo braço de um amante, não iria para melhor. A sua sorte de deserdada agravava-se: a sua miseria seria mais aspera. A afeição maternal de Joana Rosa tornára-se absorvente. Dessejava Maria unicamente para si, não admitia partilhas n'este amor puro, que lhe ficára d'um outro impuro e malaventurado, como uma cristallização esplendorosa da felicidade: — e julgava-se com pleno direito a esta felicidade abençoada, pelo muito que tinha padecido.

No entanto, desde que Maria chegou ao periodo da adolescencia, a sua tranquillidade alvorou-se. Não lhe conhecia inclinações, sympathias nascentes, doces cuidados de amor: mas a filha ia caindo n'uma languidez cada vez maior, era invadida por crises singulares em que parecia não ter a noção exata de tudo o que a rodeava. Em certos instantes pousava o trabalho, e de mãos esquecidas no regaço, olhar vago, rendida de fadiga, ficava-se horas esquecidas n'um interminavel cismar, apenas cortado por soluçantes suspiros que lhe subiam do peito e a sufocavam. Joana Rosa, pondo mais meiguice nas palavras e nos gestos, amimava-a, encostava-a ao peito, passava-lhe a mão pela face, como se ella fosse ainda de côo e dormisse no seu berço, queria saber o que a trazia alheada. Maria, envolvendo a mãe n'um olhar de bondade, rompia n'um choro silencioso.

— Vá! Olha que tolice! Quem te faz mal? — acudia Joana Rosa.

Protestava, afirmava-lhe que o seu pranto não era de sofrimento, mas de gratidão por tanta piedade e tanto amor, e retomava o trabalho abandonado.

Certa tarde, Luiza, uma rapariga visinha, entrou em casa de Joana Rosa, muito alegre, toda resplandecente de ventura e de vivacidade. Ia casar e vinha trazer a fazenda para o seu vestido de noivado. Que ficasse bem feito — recomendava — para que o seu homem a achasse mais linda.

— Vaes, então, arrumar-te? — perguntou Joana Rosa.

— Vou! E' com o Pedro, serralleiro. Gosto tanto d'ele! E' Pedro gosta de mim. Somos doidos um pelo outro.

— Pois ficas estar. Terás um bonito vestido. Não é assim, Maria?

— E', mãe!... — respondeu Maria, ruborisada e cheia de perturbação.

— Começaram a ob a que a Joana Rosa avivava infundaveis recordações. Também ella já fóra noiva, já trouxera no peito, a florir pela primeira vez, o branco lirio de uma suave adoração. Ha quanto tempo isso ia! E todos os enleivos que fóra imaginando, em dias que não mais voltariam, tinham morrido malogrados. A ella, o amor mentira-lhe sempre. Para quantas outras seria constante e verdadeiro?...

Maria, trabalhando no vestido de Luiza, começou a sofrer mais do que até aí. As suas impaciencias exacerbavam-se: era mais intensa a sua agitação moral. Mas pegava no tecido com anciedades de coração, como se ao seu contacto sentisse um indizível prazer. Esse tecido seria acariado por mãos masculinas, mãos calosas e fortes, e contudo tremulas de paixão — e o secreto fluido que das caricias, por ella entresonhadas, se desprendia, ia-a invadindo e penetrando docemente...

Luiza casou e Maria nunca mais teve saude. A sua mocidade fanava-se. Emagrecia e sumia-se como uma sombra. A mãe, lacrimosa e alarmada, consultava os medicos, que não curavam a sua doença. Um dia não pôde levantar-se. Ardia em febre,

delirava, pousando a cabeça desfalecida no travesseiro alvo e fôfo de enferma. Joana Rosa sentou-se á sua cabeceira, velando-a e tentando reanimál-a com promessas e consolações que a sua ternura de mãe inventava.

Ora, uma noite, compondo-lhe a roupa do leito á volta do corpo dorido, quando ela dormia mais aliviada, sentiu ranger papel sôb os seus dedos. Intrigada, palpou o peito da filha e encontrou uma carta, que nervosamente abriu. O que queria aquilo dizer? Principiou a leitura com interesse e terminou-a com exaltação. Maria declarava, n'esse papel revelador, a um homem de quem não dizia o nome, que o amava até á morte, que fugiria com ele para qualquer parte que fosse, que lhe seguiria os passos com a docil fidelidade com que um cão segue o dono; pedia-lhe que a viesse buscar depressa, á trapeira onde a pena de amar a consumia...

Desvairada, Joana Rosa despertou a filha com modos sacudidos, ordenando-lhe, em altos brados, que lhe explicasse aquela locura.

te, até a deixar inanimada sobre o catre de pau.

—A desavergonhada!...

Sob a afronta d'esta injúria brutal, Maria ergueu a cabeça altivamente, gritando:

—Esse homem não é ninguém! Cuve?... Olhe que não é ninguém!

—Não mintas!... E' escusado.

Fazendo um derradeiro esforço, Maria bradou em voz mais forte:

—Fui eu que pedi a Luiza para me escrever essas linhas, assim Deus me salve!...

—Mas para quem? E' isso que eu quero saber.

—A um rapaz que só existe na minha memoria, porque os rapazes verdadeiros nunca fizeram caso de mim. Nem sequer me olhavam!...

E quebrada pela angustia e pela vergonha da confissão, continuou:

—O' mãe, é tão triste a gente não ter quem se importe conosco! Eu via as outras com os seus namoros, cantando, de braço dado; via-as ir á igreja, para se casarem, com seus vestidos novos. Muitas da minha idade já teem marido, filhos e casa. Pois de mim fugiam os homens. Porque?

Ouvindo-a, Joana Rosa con-



—Para quem é a carta? Para quem é? Vaes dizer-lhe já! Mando eu, que sou tua mãe.

E abateu-se n'um choro desfeito sobre a beira da cama, lamentando o seu infortunio. Como ela, a filha, criada para a honestidade, dera na perdição. Não havia escutado os seus conselhos e oferecia-se, sem pudor, para acompanhar os homens, n'uma viagem de acaso, como amante ou como serva. Virgem santa! E Joana Rosa que a julgava pura e angelical!

—Não chore, que me faz mal! — disse Maria debilmente.

—Deixa-me. Antes tu morras!... Para quem era a carta?

Sentando-se no leito e torcendo a baihna do lençol nos dedos magros, nada respondia.

—Mas fala— insistia a mãe. O teu namorado é algum vadio?

Ah! eis que a sua suprema ambição se esvaia em fumo. Quizera a filha só para si, e um homem ignorado vinha roubar-lh'a. Revoltava-se! cometia a vontade de espancal-a furiosamen-

templava-a com espanto, com caridosa surpresa.

—Imaginei então um namorado, dediquei-me a ele, pedi que me escrevessem a carta, que trazia sobre o coração, sem que ninguém soubesse. Era para me enganar a mim mesmo, aí está!... Para que m'a tirou?

—Oh! meu amor, m' u amor! — murmurou Joã na Rosa, banhada em lágrimas, apertando-a n'um abraço.

—Sim, mãe! Eu sou feia e desgraçada. Disseram-m'o muitas vezes aqueles de quem eu gostava. Mas tenho eu culpa d'isso?... E aqui tem o que me traz acabrunhada e que me ha-de matar. Porque eu morro, mãe, morro d'esta pena!...

Abraçada na filha, com a sua face aconchegada á face d'ela, Joana Rosa, soluçando, comparou mentalmente a sua desventura á da casta flôr humana que se finava da saudade de amar e que de leve passava na existencia alheia a todo o carinho. Ela havia sido bem mais feliz, porque tivera um homem que a fizera sofrer mas que a quiz, que a amou com um amor de que ainda sentia a doçura!...

JOÃO GRAVE.



Concurso DE Sonetos d'amôr

A «Ilustração Portuguesa»

Abre entre os poetas nacionaes um concurso de "Sonetos d'amôr" que serão publicados nas suas paginas

Desejando continuar as suas tradições de primeira publicação artistica do nosso paiz, a *Ilustração Portuguesa* inicia n'este numero a publicação semanal de contos literarios. E' este um genero encantador, em que os portuguezes teem sido mestres. Ultimamente, porém, parecia um pouco abandonado, ao mesmo tempo que no estrangeiro é esse cada dia o mais preferido. Competia, pois, á *Ilustração Portuguesa* fazelo reviver e n'isso se empenha desde hoje. A *Ilustração* abre as suas paginas aos contistas, certa de que eles corresponderão á sua chamada. Não haverá preferencias senão para o talento. Todos encontrarão as nossas paginas abertas, desde que os seus trabalhos sejam dignos de figurar n'elas.

Mas não pára aqui a iniciativa da *Ilustração*. N'este numero abrimos, ao mesmo tempo, um

Concurso de "Sonetos d'amôr"

a que poderão concorrer todos os poetas portuguezes. Quantos poetas temos nós por esse paiz fóra, que uns se ignoram, outros são tímidos, outros não conseguiram apparecer em livro. Alguem disse que Portugal era uma terra de poetas. Vamos verifical-o e pela fórma mais bela e simples.

A este concurso todos poderão concorrer

Sendo este concurso de

"Sonetos d'amôr,"

compreende-se perfeitamente o genero a que nos referimos.

Os melhores sonetos em lingua portugueza, aqueles que mais satisfazem a alma nacional são, sem duvida, os sonetos d'amor.

Pois será de sonetos d'amor este concurso, e esperamos que os poetas portuguezes a ele saibam corresponder. Dentro da denominação de *sonetos d'amor* damos a todos a mais ampla liberdade.

As composições que sejam submetidas a este concurso deverão vir assinadas com um pseudonimo e, juntamente, um envelope fechado, tendo exteriormente o mesmo pseudonimo e, dentro, o nome e endereço do autor.

Damos *um mez* como praso d'este concurso. As composições deverão estar em nosso poder até ao dia

12 de Maio

Então serão classificadas por um juri de competentes e n'um dos numeros seguintes da *Ilustração* será dada a resolução d'este juri.

Haverá

Tres premios

que serão tres objetos d'arte, de valor e de gosto, dignos dos tres primeiros classificados. Os restantes sonetos que sejam considerados boais serão publicados a seguir, juntamente com o retrato do seu autor.

E, agora, resta-nos esperar que os poetas portuguezes acudam á nossa iniciativa e que não será em vão este esforço para o levantamento da literatura nacional.

Danças e Dançarinas

Ha dias, n'um teatro proximo dos boulevards, em *matinée* por convites, uma dançarina austriaca mostrou-se toda nua a um publico seletto de artistas, snobs e homens de letras. E esse facto comoveu a policia, que fez processar a dançarina.

A boa da estrela de Viena oteide-se com o barbarismo policial, indigno deveras d'esta terra *d'élite* e justifica a ausencia de vestuario com considerações da arte mais pura. Ela repete o velho conceito de que o nu não é imoral, apresenta o seu corpo como um instrumento de expressão artistica e diz que essa expressão seria altamente prejudicada se a moral mal compreendida lhe mandasse tapar alguma coisa.

Eu não assisti ao espetaculo que mereceu a reprovação dos agentes dos bons costumes.

Mas lembro-me de que ha cerca de dois anos, succedeu aqui, com a grande Isadora Duncan



Cleo de Merode, na *Danseuse de Pompei* (Cliché Bert).

um caso quasi identico. E digo quasi, porque d'essa vez, por respeito pelo talento da artista, a policia não interveio senão com um simples aviso; e, tendo de repetir em outro espetaculo a *baçanal* do *Tannhauser*, que fôra a causa do escandalo, a illustre americana envolveu parte do seu corpo em gazes discretas e pudi-

bundas. Discutiu-se então, uma vez mais, o problema da exibição teatral de mulheres nuas. Os artistas mais respeitáveis vieram defender, em nome da arte, essas exhibições; os homens d'ordem vieram censurá-las em nome da moral; e, como consequência, ficou ainda de pé a decisão policial que consente nos palcos as mulheres nuas ou quasi desde que não mexam, e fecha os olhos quando elas, mesmo mexendo, mostram um certo recato.

Eu tenho por Isadora Duncan uma grande admiração e creio piamente na sua boa-fé. Ela é uma mulher que consagra a vida á sua arte, ama-a com um exclusivismo feroz; não pensa n'outra coisa. Olhando as suas pernas esculpturadas, ela deve contemplá-las como Paganini contemplava o seu Stradivarius; e custar-lhe ha a compreender—estou eu certo—que outros possam contemplá-las com idéas menos nobres. Mas sabem os senhores o que é que, quando appareceu em cena nua, ela dansou? A bacanal do *Tannhauser*, já eu disse. Falta apenas dizer com que intenção.

Isadora Duncan entende que, na Opera, as bailarinas não comprehendem bem aquella dansa; e, só, no palco, ella propoz-se mostrar o que cada uma das figuras do corpo coreografico deveria fazer para seguir á risca as indicações



1. Mademoiselle Napier Woska, na *Revue de l'Olympie*.
(Cliché Bert).
2. Mademoiselle Marcelle Lécœurre de la *Gaité Lyrique*.
(Cliché Talbot).
3. Na Opera: O curso de dansa de que é profesora mademoiselle Van Goethen.

do proprio Wagner. Ora as fases do bailado são as seguintes, segundo essas indicações:
«1—Dansa volutuosa, as ninfas excitando



os jovens para que se metam com elas. Eles descem os praticáveis por toda a parte. Procuram-se, fogem-se, enervam-se.

2—Dança geral, especie de cancan mitológico.

3—Novos grupos que chegam. Bacantes precipitam-se e excitam os pares amorosos a uma alegria selvagem.

4—Mistura de todos; dança frenética.

5—Volupia. (Predominancia do elemento feminino).

6—Impetuosidade masculina. Aumentando. Sempre novos que chegam.

7—Uma especie de convulsão volutuosa; crê-se ouvir gritos, rugidos de louca alegria.

8—Mudança subita da ação; estremecimentos amorosos em lugar das convulsões. Predominancia do elemento baixo; faunos satiros arrastando os outros. Crescendo continuo.

9—Extremidade do delirio e da desordem. Toda a gente prestes a cair por terra.

10—As Graças levantam-se espantadas e afastam os pares com do-



ce violencia. Dança das tres Graças.»

N'um esforço de genio, Isadora Duncan, ela só quiz exprimir no palco do Chatelet esse bailado nos termos precisos em que o autor o concebeu. Para isso despiu-se.

Não será fazer uma idéa falsa da mentalidade d'um publico, do publico parisiense d'hoje em dia, acreditar-o apenas intelectualmente, espiritualmente, puramente interessado n'essa exhibição?

Mas — ocorre perguntar — por serem mais vestidas serão mais honestas as dansas que hoje é moda dansar nos salões do velho mundo?

Não discutamos as teorias d'arte de Isadora Duncan, nem mesmo cuidemos de averiguar até que ponto nos é licito admitir Beethoven ou Chopin interpretados pelos mais lindos membros locomotores da mulher mais cheia de graça, de agilidade e mesmo de talento. Admitamos ecleticamente que a dansa é bela quando nos dá aos olhos uma sedutora impressão d'arte, pela eurytmia d'um gesto, pela beleza deusativa d'um conjunto, mesmo por uma disposição



1. Mademoiselle Teresina Negri, na *Danseuse de Pompel*. (Cliché Bert)—2. A danzarina Totiana (Cliché Manuel)—3. A danzarina russa T. Karsannia.

feliz de cores e de atitudes. Recorde-mos de passagem certas dansas populares tão pitorescas e as dansas mundanas tão interessantes de vêr nos *decors* galantes do século XVIII. Não esqueçamos esses bailados russos tão vivos, tão interessantes, mesmo nas suas audacias de violência de côr e de imprevisto. E' ainda no teatro que nos é permitido admirar tudo isso. A dansa nos salões acabou. A America do Norte mandou-nos, por artistas de

equivocas. Quem não tenha assistido a todas as fases d'essa evolução e entrar agora n'um baile mundano não resiste a um movimento de pasmo incredulo. Ao vermos esses aristocratas, esses burguezes ricos, esses snobs de todas as castas volteando aos pares nos salões de mais escolha, a gente esquece os peitos á vela das revistas d'ano, as pernas de Isadora, tudo o mais que a dansarina de Viena na sua *matinée* de ha dias nos mostrou e a nós pro-



Mademoiselle Gaby Deslys, na *Dansa do Urso*.
(Cliché d'Art Femina).

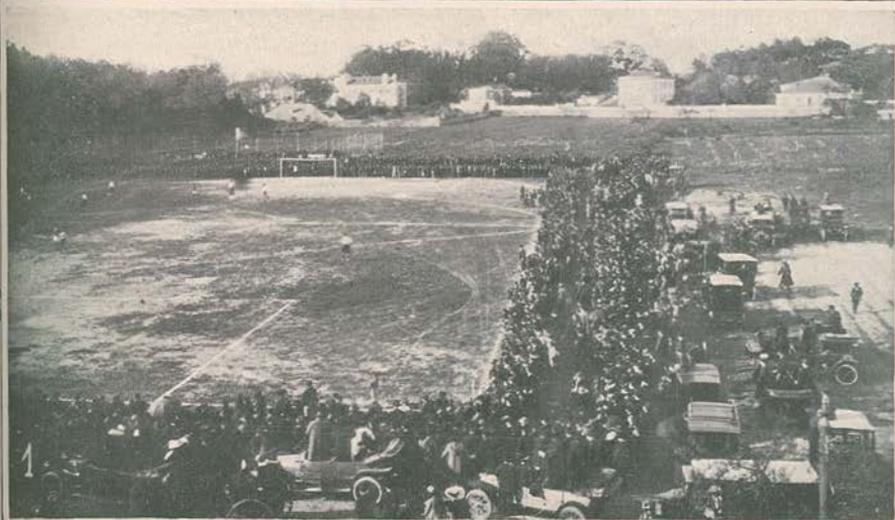
torna-viagem, as fantasias mais ridiculas. A propria valsa, que já escandalisava tantas vezes o pudor dos nossos paes, essa mesma passou de moda. Hoje, nos salões, dança-se a *chouppée* ou o *maxixe* e o *tango*, desnaturados pela transposição do meio proprio e reduzidos quasi ás póses mais

prios perguntamos se antes de ter definido a dansa pela forma excessivamente realista porque a definiu o sábio italiano Sergi tenha passado ali. E' natural que sim.

Paris, março de 1913.

R

ENTRE INGLEZES E PORTUGUEZES



Os jogadores de «foot-ball» New Cruzaders, que vieram a Portugal para se bater com os portugueses, tiveram também um de-

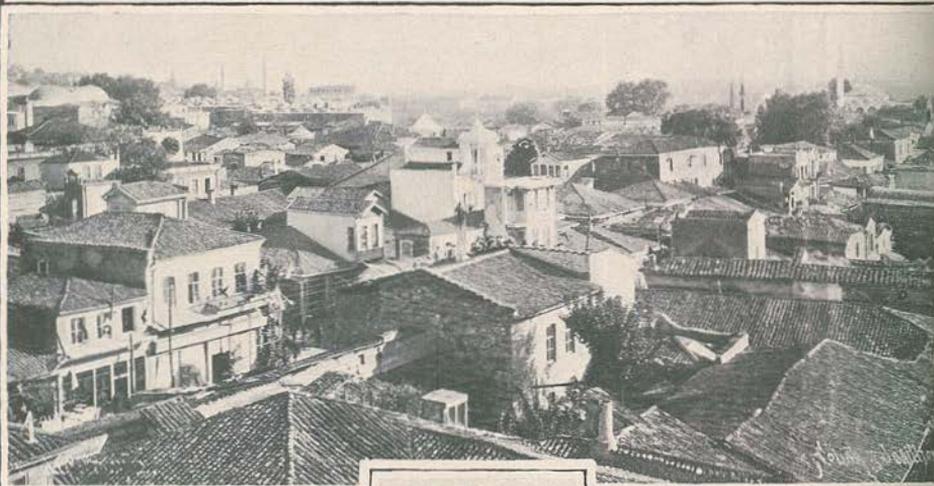


safio com os seus compatriotas, os seminaristas de S. Patricio, vencendo-os por 7 «goals» contra 1, sendo muito aclamados.



1. O campo das Laranjeiras onde se deu o desafio entre os New Cruzaders e os seminaristas de S. Patricio (inglêsinho)—2. As «equipes» que tomaram parte no jogo—3. Alguns seminaristas ingleses assistindo ao desafio. (Clichés Benolle).

Andrinopla é tomada pelos bulgaros apesar da mais heroica defeza



Andrinopla, a cidade heroica que tão brilhantemente se defendeu durante cinco mezes, rendeu-se diante das investidas dos bulgaros. A Turquia, porém, conta na sua historia mais um heroe, Chruki pachá, que o rei Fernando deixou sair da fortaleza com a sua espada, como prova de consideravel ad-



miração pela bravura, denodo e patriotismo com que se bateu e pela perseverança que poz na defeza da praça confiada ao seu valor militar.

Foi o regimento 27 bulgaro que, tendo á sua frente o general Ivanoff, aprisionou o commandante d'Andrinopla, sendo o 23º primeiro que entrou no



1. Panorama de Andrinopla.—(Cliché Sebah & Jouillier)—2. Chruki Pachá, o defensor vencido d'Andrinopla
3. Estrada de Kara Agatch em Andrinopla.



1. Chruki Pachá, o valente defensor de Andrinopla e alguns dos seus officiaes.
(Cliché Central Photos)

baluarte, seguido pela cavalaria servia. Foram feitos trinta e oito mil prisioneiros, entre os quaes sessenta e

oito officiaes alemães e 18 roumaicos. Tomaram-se seiscentos e quarenta canhões.



2. O Muffi e os sacerdotes turcos em Pergamo. (Cliché Sebah & Jonillier)

Chruki Pachá enviára pouco antes um telegrama ao seu governo, no qual dizia o seguinte: «O inimigo faz-nos um

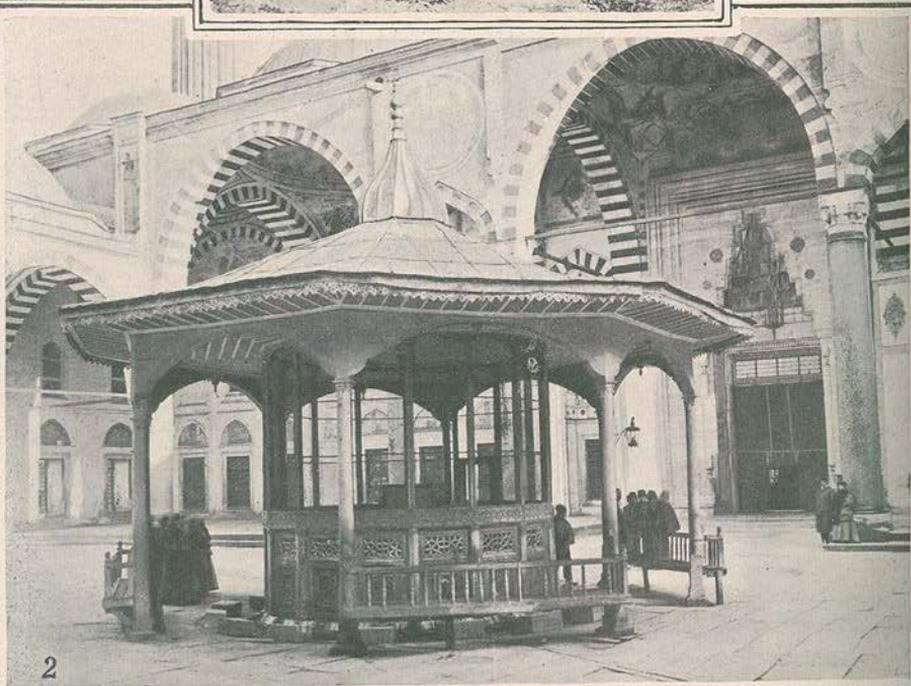
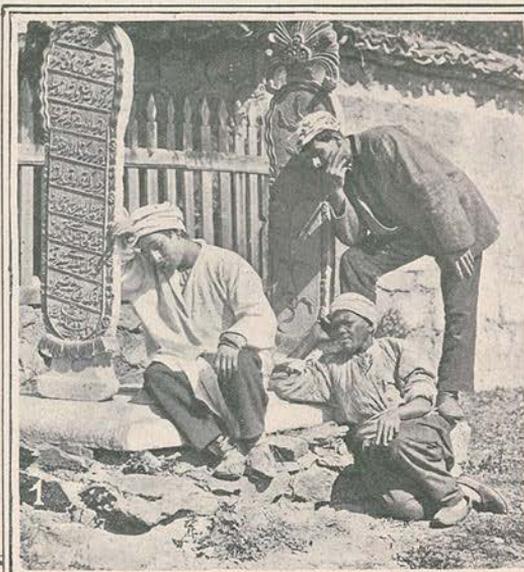
formidável assalto; uma luta sem treguas se travou. Não posso prever os resultados, mas, no caso de ele ser vitorioso farei saltar os fortes; para impedir os bulgaros de sujarem as mesquitas e os edificios religiosos fal-os-hei também ir pelos ares, assim como destruirei os aparelhos radio-telegraficos. O seu triunfo será sobre uma cidade em ruínas.»

Com efeito, os edificios militares, os hospitaes, os fortes, as caser-

nas, foram incendiadas, mas d'aí apouco Andrinopla estava tomada. Os servios, que tomaram de assalto tres fortes, perderam mil homens e tiveram mais de tres mil feridos.

O material de guerra apreendido e que será partilhado entre servios e bulgaros vale sete milhões de francos.

O general Chruki ao entregal-o, ao constituir-se prisioneiro, antes de partir para Sofia, lançou-lhe ainda um olhar que era a mais triste das despedidas áquelas armas que tinham sido inúteis para a sua patria.



1. Peregrinos turcos em visita ao tumulo de Huscha sobre o monte gigante.
2. Fonte no pateo da celebre mesquita Selimié em Andrinopla.

A comissão administrativa do Municipio do Porto



1. Dr. Moraes Costa, vice-presidente.—2. Sr. Antonio Sant' s Henriques, do pelouro de mercados e matadouros. 3.—Dr. Americo de Castro, do pelouro de iluminação e viação.—4. Dr. Albano de Barros, vereador das obras municipais.—5. Sr. Francisco Soares Parente, do pelouro de edificações, jardins e cemiterios.

6. Dr. Adriano Augusto Pimenta, presidente. 7. Sr. Joaquim Coelho de Lima, do pelouro de beneficencia e aferição.—8. Sr. Domingos Agrebon, do pelouro de bibliotecas e museus.—9. Sr. João Taveira Gonçalves, pelouro da segurança 10. Sr. João da S. Guimarães do pelouro de asilos e escolas.—11. Sr. Joaquim Castro Silva, do pelouro dos bairros operarios.

Depois das acusações feitas pelo falecido jornalista Padua Correia á camara municipal do Porto, foi nomeada pelo governo uma comissão administrativa, que tomou posse ha poucos dias e se dispõe a dar á cidade todos os melhoramentos de que ella carece, sobre

pelouros segundo as suas aptidões, tendo-se escolhido exactamente profissionaes distintos que, com o seu conselho, muito podem contribuir para o almejado fim de dar ao Porto essa apparencia moderna que elle de dia para dia vae tendo e conquistando ao mesmo tem-



1. Sr. Filipe Vieira. 2. Sr. Alexandre Lopes Botelho. 3. Sr. Augusto José Antunes. 4. Sr. Justiniano Augusto d'Almeida. 5. Sr. Luiz Cardozo. 6. Sr. João Antonio da Fonseca, recentemente falecidos.

o ponto de vista de desenvolvimentos materiaes e de modernismo.

Naturalmente levará a cabo o seu desejo, pois não faltam as boas vontades entre os illustres cidadãos chamados a desempenhar esses cargos no municipio da capital do norte.

Pertencem a todos os ramos os membros d'essa comissão e foram collocados nos respectivos

po vantagens para os varios serviços dependentes da camara municipal.

Quando da instalação da comissão todos foram unanimes em afirmar a sua dedicação pela cidade, que muito vae lucrar com as iniciativas tomadas, pelo que ha a felicitar essa bela terra de trabalho e de liberdade.

O presidente d'essa comissão é o senador sr. Adriano Pimenta.

Costumes Portuguezes

O peixeiro ovarino corria todo o paiz com as suas canastras ao hombro, as pernas nuas, as ceroulas curtas que uma cinta aperta, soltando o seu pregão. Quando não ha peixe fresco leva a sarda salgada, a sardinha que vem d'Espinho, seca, e que ele conduz até essas brenhas do interior, ás vezes seguindo no chouto d'um burrinho com os seus ceirões.

Desde que ha comboios de facil acesso já o peixeiro não tem o mesmo pitoresco, a não ser no arrabalde de Lisboa, em toda essa linha mal servida de viação que vae de Belem a Laião e de Ajuda a Alferagide, etc.

O varino, n'uma corrida certa, afogueado, com o seu barrete insubstituivel apesar do calor, vae bater ás portas dos casejos, oferecer a sua mercadoria que as mulheres compram depois de grande regatear, e ele, metido o dinheiro no saquitel,



larga de novo em celere corrida até outro casal, onde faz novo negocio.

Assim passa a vida o peixeiro ovarino de perfil magrito e perna rija, que galga leguas para ganhar a vida.

O mesmo succede com a ovarina da Murtosa, forte, ladina e trabalhadeira, mulheres de seios altos e bons olhos, a quem só as suas irmãs da Maia egualam em formosura e donaire.

Estas são as mais lindas mulheres de Portugal, burgo afortunado onde parece que foi dar uma colonia de deusas a fazer geração.

Não podiamos deixar de publicar n'estas paginas de costumes portuguezes os exemplares mais típicos da nossa terra e que um distinto amador fotografico, nas suas viagens pelo paiz, fixou e agora reproduzimos, enriquecendo a galeria dos tipos populares.

Outros de equal interesse se seguirão, marcando assim as diversas classes nas varias regiões do nosso paiz.

1. Varina de Murtosa.—2. O varino peixeiro.

(Clichés do distinto fotografo amador sr. J. A. Pereira de Carvalho.

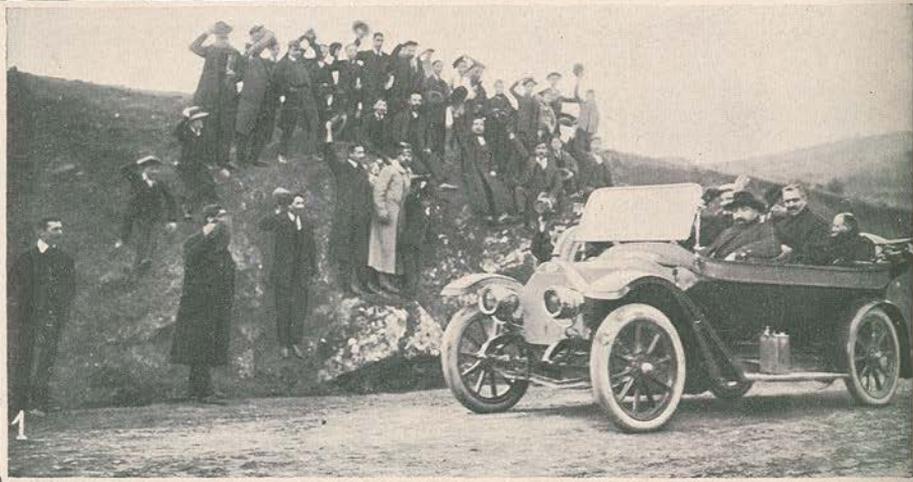


1. Os artistas e amadores que tomaram parte na festa: No primeiro plano, sentadas, sr.^{as} D. Berta Brun do Canto, D. Eugenia Dulce Santos Loureiro, D. Margarida Mornati Trindade, sr. Antonio Silvestre, ilustre maestro sr. Arthur Trindade, sr. José C. Castro Freire, D. Claudina Horta Machado, sr. Arnaldo Horta Machado.



2. As senhas e cavalheiros que cantaram os câoros.

El viagem do chefe evolucionista



A viagem do sr. dr. Antonio José d'Almeida ao norte do paiz foi coroada do melhor exito, conforme o chefe do partido evolucionista declarou a varios jornalistas que o entrevistaram, tendo sido revestida tambem d'um grande entusias-

mo da parte dos seus correligionarios a sua chegada á estação do Rocio, assim como a receção na «gare» de Santarem, onde muitos evolucionistas de Lisboa o tinham ido aguardar.



1. O sr. dr. Antonio José d'Almeida a caminho de Bragança, instantaneo tirado na estrada á passagem do automovel pelo sr. José S. Afonso, fotografo de Bragança. Ao lado do chefe evolucionista o deputado sr. Antonio Granjo.
2. A multidão junto á estação do Rocio, á chegada do sr. dr. Antonio José d'Almeida.



A' saída da «gare» do Rocio: As manifestações ao chefe evolucionista.—(Clichés de Benollet)

VIDA COLONIAL — Os Quissamas

No distrito de Loanda e ao sul do Cuanza, estendendo-se por uma vasta area, rica de palmares, a região dos Quissamas está ainda meio velada pelo misterioso desconhecido, mercê d'uma insufficiente occupação. Os seus habitantes, característicos e inconfundíveis, teimosamente encerrados no inextricavel dos seus matagaes, pouca tendencia teem para se porem em franco contacto com os europeus, ao contrario dos seus visinhos Libolos.

Apenas os moradores mais proximos das

mo que confrange olhos civilizados. Em longa teoria, a um de fundo, as costas curvadas pelas bojudas cabaças cheias de oleo, cujo peso é sustentado por uma tira de folha de palmeira que faz ponto de resistencia na testa, os pequenos filhos sentados em laços de pano pendentes do pescoço e bamboleando-se diante dos espalmados seios—elas, as miseraveis mulheres, caminham leguas e leguas, tão pausadamente quanto lh'o permite a carga que transportam; como chefes e cerra-filas, os homens,



1. Um carnaval de pretos em Angola.—2. Um grupo de quissamas no quintal d'uma casa de comercio, no Dondo.
Cliché do sr. João G. Figueira)

povoações civilizadas se afoitam a trazer aos comerciantes brancos os produtos do seu vagaroso e paciente trabalho: o oleo de palma e o coconote; estes são os que trazem vestuario—se tal nome é licito dar a estreitas faixas circum-abdominaes—de fazenda europeia; os outros, os escndidos refratarios á civilisação, utilizam um tecido que elles mesmos engenhosamente fabricam de fibras de imbondeiro (baobab) ou outros vegetaes, incluindo o proprio algodão, tecido que, diga-se em abono da verdade, é solido e resistente, com um aspéto muito parecido com o da nossa serapilheira.

São as mulheres a usual besta de carga, de trabalho e de transporte, pesadas tarefas a que ellas se resignam com um fatalis-

apenas sobre-carregados com a inseparavel espingarda de pederneira, toda marchetada de tachas amarelas, marcham, indiferentes ao sofrimento feminino, com os abundantes toucados de missanga caindo-lhes pelos hombros e os parcos e porcos farrapos mal lhes encobrindo as musculosas côxas. E assim vivem e passam gerações e gerações de entes humanos, vergados á miseria, ao trabalho e a todo o desconforto fisico e moral, sem ao menos suspeitarem que a vida actual, mercê da civilisação, é alguma coisa de mais agradável e consolador do que o inferno permanente em que se lhes consome a existencia, apenas minorado pelos seus melancolicos batuques...

Fevereiro, 1913.

B. V.

A QUESTÃO DO PEIXE

A nova questão que apaixonou a cidade foi a do peixe. Vem já de ha muito com o seu movimentado clamor de ovarinas, o seu brado contrario d'outros peixeiros n'um quadro curioso da vida da cidade. E' o mercado da Ribeira Nova contra o de Santos.

A camara municipal concedeu á companhia que explorava o mercado de San-

deixando o da Ribeira para a venda de frutas e hortaliças e demolindo os barracões feissimos que mancham o Aterro e onde se improvisou a praça atual.

A companhia fez uma consulta a varios advogados, que foram unanimes em declarar toda a razão que lhe assistia, ao mesmo tempo que a comissão administrativa do municipio levava a sua questão para o governo, a fim de ser resolvida como de justiça.

O sr. dr. Afonso Costa, chefe do gabinete, visitou o mercado de Santos e teve varias conferencias com os seus diretores, acabando por se resolver que a camara municipal o expropriaria pelo preço do custo, começando ali a fazer-se a venda do peixe e ficando na realida-



tos licença para vender o peixe, nos seus armazens frigorificos, diretamente ás ovarinas, sem o intermediario que existe na Ribeira e compra a mercadoria á lota para a negociar a retalho. D'aqui nasceu o conflito; vieram as varias representações que foram entregues ao municipio, o qual resolveu dar um prazo para se fechar o mercado de Santos com o fundamento de que ali tambem a peixeira vendia ao publico, o que não era do contrato.

A nova vereação fez mais ainda. Deliberou fazer a expropriação do edificio, instalando ali o seu mercado de peixe,



de a praça da Ribeira só para as frutas e hortaliças. D'este modo terminou essa questão, tendo Lisboa no mesmo dia em que isso se resolveu grande abundancia de peixe.



As ovarinas á saída do «Seculo», onde levaram o seu protesto. (Clichés de Benotiel)



2. No Terreiro do Paço: Aguardando a comissão que foi falar com o secretario do presidente do conselho.

FIGURAS E FACTOS



1. Cena do 3.º ato da peça *Conspiradora*, de Vasco Mendonça Alves, representada no teatro do Ginásio, tendo causado tanta sensação a obra dramática como o cenário do novo cenógrafo sr. José Mergulhão. (Cliche Benoliel).
 2. Sr. dr. Moraes Manhego, que apresentou duas comunicações ao congresso de educação física e foi convidado a fazer parte da mesa presidencial da secção científica—3, 4, e 5. Os organizadores do congresso de educação física de França: O professor Weis, o professor Gilbert, o dr. Daurret.



6. A escola de Joinville que apresentou no congresso a melhor secção da exposição e os trabalhos mais científicos, tanto praticos como theoreticos.



1. Sr. Visconde de Guilhomil, irmão do sr. conde de Paço Vieira, recentemente falecido—2. Sr. José de Figueiredo Amaral, recentemente falecido—3. Sr. José Borges de Castro, recentemente falecido—4. Sr. Augusto Maria Barroca, recentemente falecido—5. No tribunal marcial: O julgamento da sr.^a D. Constança Teles da Gama, acusada de conspiradora. A' saída do Aljube, onde a aguardava o carro celular

A sr.^a D. Constança Teles da Gama, neta de Vasco da Gama, acusada de conspirar com os réus Joaquim Gomes Leite e José dos Santos Alves, o primeiro soldado e o segundo criado de servir, foi absolvida, tendo os outros sido condenados em dois anos de prisão maior celular e na alternativa de tres de degredo.

No tribunal havia uma grande concorrência de senhoras e cavalheiros da primeira sociedade.



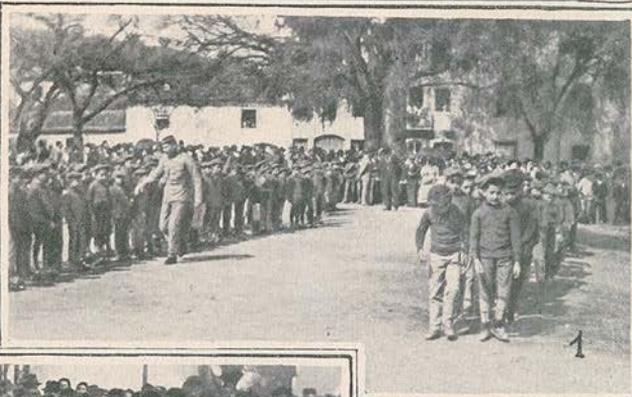
6. Diante do tribunal: a sr.^a D. Constança Teles da Gama ao lado dos seus co réus, o soldado reservista Gomes Leite e o criado de servir Santos Alves. (Cliché Benoliel).

Em Tomar, Famalicão e Ceira

Em Tomar a festa da arvore foi realisaada com grande brilho, tendo tomado parte no cortejo trezentas e cincoenta creanças das escolas, sendo distribuidas duzentas blusas antes da cerimonia ás pequenitas escolares.

A banda de musica

FESTA DA ARVORE



1



2

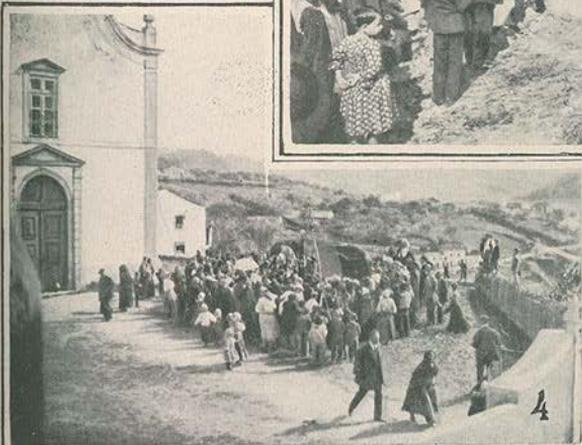
vido um belo lunch ás creanças, distribuindo-se-lhes ainda varios folhetos relativos ao culto da arvore.

Em Avides, perto de Famalicão, tambem as festas tiveram o mesmo interesse de todas as outras do paiz, que

de infantaria 15, assim como algumas filarmônicas, seguiram o cortejo, que passou em frente do convento de Cristo entrando depois nos seus maravilhosos claustros, onde foi ser-



3



4

1. Em Tomar: 1. ar. da ginastica no largo 5 d'Outubro, pelos alunos da Escola Central—2. Orfeon, cantando a *Portuguesa*, em frente da Escola Central, composto por alunos e algumas das escolas primarias sob a reencia do chefe da banda de infantaria 15, sr. Cruz. (Clichés do sr. J. Torres Pinheiro)—3. A festa da arvore em Avides (Famalicão). (Cliché enviado pelo professor, sr. Manuel José Nogueira)—4. Em Ceira: Um aspeto da festa da arvore.

d'uma maneira galharda correspondeu á iniciativa do «Seculo Agricola».



1



2

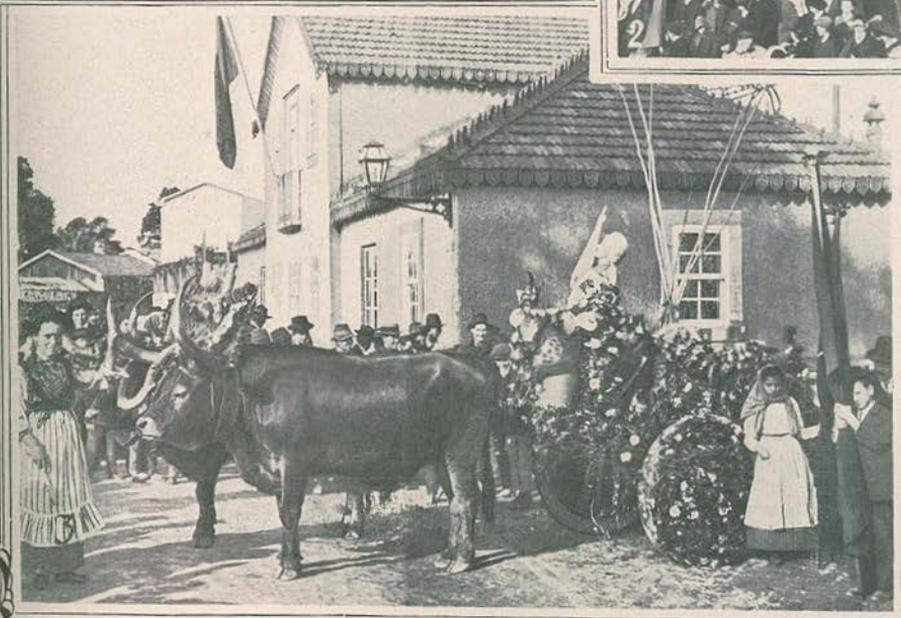
1—A comissão da festa da arvore em Vila do Conde.—2. Na escola Central de S. Bartolomeu (Coimbra): As senhoras e os professores que ofereceram o «lunch» ás creanças no dia da festa da arvore.

Em Louzada e Ermezinde

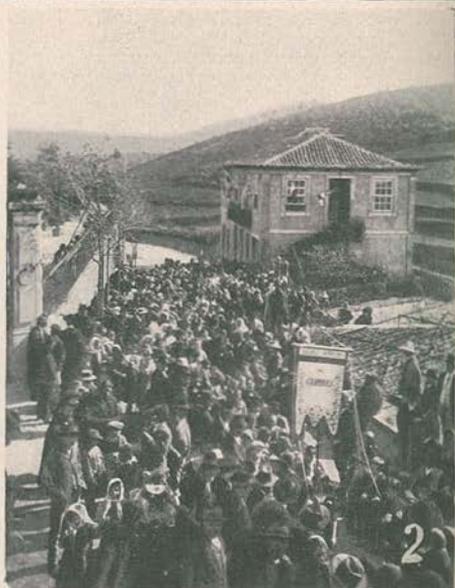


1. Em Louzada: Formação e partida do cortejo. 1.—Professor oficial sr. Joaquim da Costa Machado, promotor da festa. 2.—Professora oficial, D. Maria Nazaret Luiz Moreira dos Santos.—(Fotografia do amador sr. Alfredo Batista Freitas)—3. Em Ermezinde: O carro conduzindo as arvores destinadas á plantação—2. O largo da igreja e o antigo cruzeiro onde o povo se acumulou para assistir ao desfile do cortejo.—(Clichê do sr. Humberto Beça.)

Tambem em Louzada e Ermezinde se fez a plantação da arvore com grande pompa, tendo as creanças das escolas cantado varios hinos alusivos á cerimonia e sendo feitas preleções ácêrca da utilidade do cultivo das arvores á qual tanto devem os homens.



Na Regua, em Cambres e Cabrela



1. Na Regua: O cortejo da festa da arvore na rua das Camilas: No 1.º plano ◊ o inspetor escolar sr. Jeronimo de Matos.—2 Em Cambres: O cortejo á caída da escola do sexo feminino. (Cliché do distinto fotografo amator sr. Silva Monteiro)



Em Cabrela: O local onde foram plantadas as arvores, a professora oficial ◊ com as alunas.

EM SALZEDAS E SOUZELO



1. Em Salzedas: chegada do
ção. (Cliché enviado pe

Com a mesma
pompa de todas as
terras do paiz feze
se em Salzedas a
festa da arvore, que
foi uma admiravel
demonstração do
culto que lhe é de-
dicado.



cortejo ao local da planta-
lo sr. Oliveira Barros.

O mesmo suce-
deu em Souzelo,
tendo tudo decorri-
da mais entusias-
fica maneira, sendo
muito felicitados os
que seguiram a ini-
ciativa do *Seculo*
Agricola.



2. A comitção promotora da festa da arvore em Souzelo (Sinfães), 1 sr. Manuel Fernandes, 2 sr. Joaquim da Silva Menódes, 3 sr. José Ferreira Pinheiro, 4 sr. A. Teixeira, 5 sr. J. F. Pinheiro—3. Os alunos da escola de Souzelo (Sinfães), no dia da plantação da arvore.

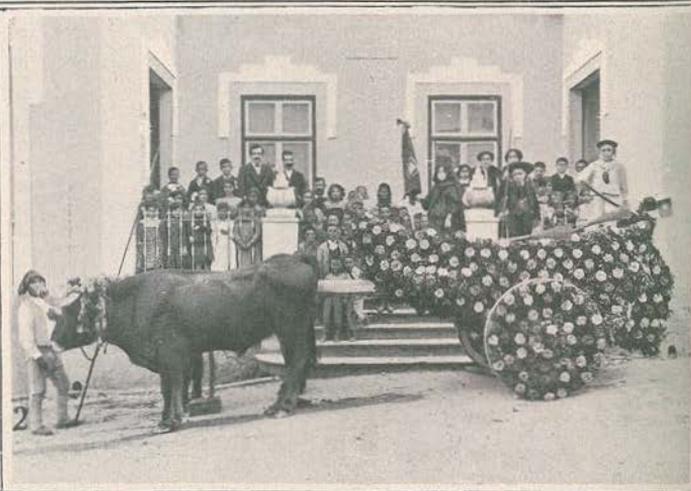
Da Azoia
de Baixo e em
Povovide

Um dos logares onde se realisa o mais brilhantemente a festa da arvore foi em Azoia de Baixo, um dos primeiros pontos do paiz onde começou a desenvolver-se aquele culto.



1. Em Azoia de Baixo, concelho de Santarem: O carro do sr. Manuel Goncalves, conduzindo a s'alfaias agricolas e as arvores que foram plantadas e que tambem figurou no cortejo

Além das creanças das escolas o povo tomou parte na festa, que foi cheia de alegria e entusiasmo, devendo repetir-se no pro-



2. Em Azoia de Baixo, concelho de Santarem: O carro do sr. Alberto H. da Silva, que se incorporou no cortejo civico, conduzindo sua filha Julieta, vestida de Republica, e dois meninos: um vestido de marinheiro e outro de Zé Povinho.

3. Grupo de professores, algumas creanças das duas escolas e professores que serviram o lanche quando da festa da arvore.—(Cliché do distincto fotografo amador sr. Cardozo de Moraes)



No Gerez e em Oeiras



1. Plantação d'um platano na Avenida do Gerez.



2. Em Oeiras: O senador sr. Ladislau Fiçarra fazendo o seu discurso, no dia da festa da arvore, no parque da Republica. (Cliché do distinto fotografo amador sr. Antonio Augusto Gomes.)

MARE' DE EQUINOXIO

(A MORTE DE HAYDÉE)

Versos do ilustre poeta brasileiro, Alberto d'Oliveira,
e extraídos do seu novo volume *Portas*

Não foi a agua do mar que n'um descuido,
A arrebatou no banho, em manhã fria.
Vêde que é lua, corre em tudo um fluido,
Reluz a praia, aviva-se a ardentia.

Foi a alma da maré que ao vê-la, cuid^o,
Da caverna marítima sombria
Saiu, largada a trança de ouro fluido,
E treda e linda a lhe acenar, sorria.

Foi ela que a levou; não n'a choremos!
Não morreu, não! Vae, como em branda sesta,
Longe, embalada em seu batel sem remos;

Sôlto o cabelo á flôr da espadua nua,
Vae á festa das aguas, vae á festa
Que faz com as vagas no alto mar a lua.

5/1/16

Novos Socios do Instituto de Coimbra



1. O grande orador e jornalista brasileiro sr. Ruy Barbosa.
2. Dr. Nilo Frecaha, renador brasileiro.
3. Sr. Lauro Muller, ministro das relações exteriores brasileiro.

O Instituto de Coimbra acaba de abrir as suas portas a algumas das mais illustres



4. Sr. Graca Aranha, illustre escritor brasileiro.
5. O illustre escritor brasileiro sr. Clwis de Bevilaqua.
6. Sr. Planas Suarez, ministro da Nicaragua em Lisboa.

personalidades brasileiras, honrando assim o labor e a mentalidade do paiz irmão.

Concurso de almofadas



1. Sr.ª D. Elvira Coelho, segundo premio, medalha de prata.
2. A illustre professora de bordados sr.ª D. Luiza de Souza.
3. Sr.ª D. Laura de Carvalho Costa, segundo premio, medalha de cobre.

No Salão do palacio Foz ins-



4. Sr.ª D. Maria do Carmo Coimbra, quarto premio, diploma de medalha de prata.
5. Trabalhos que receberam primeiro premio.
6. Trabalhos da sr.ª D. Luiza de Souza. (Clichés de Benoitel)

te apreciados pelo numeroso



talou-se uma exposição de almofades artificios das discipulas da sr.ª D. Luiza de Souza, trabalhos que tem sido justamen-



publico que ali tem concorrido.

A illustre professora expoz tambem algumas das suas melhores obras no genero.

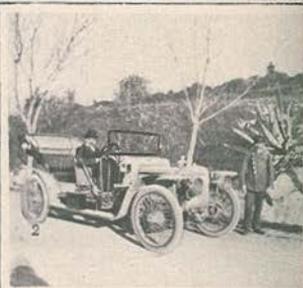


7. Sr.ª D. Lucinda Brandão, quinto premio, diploma de segunda medalha de prata.—8. Sr.ª D. Almira Brandão, sexto premio, diploma de medalha de cobre.—9. Sr.ª D. Albertina Rodrigues, primeiro premio, medalha d'ouro. 10. Sr.ª D. Maria Izabel Carneira e Silva, setimo premio, diploma de medalha de cobre.—(Clichés de Benoitel)

Figuras e Factos.



Os jogadores portuguezes de *foot-ball* tem sempre mais ou menos disputado honrosamente com *teams* estrangeiros vencendo mesmo algumas vezes. Agora batendo-se da mesma maneira habil de sempre foram vencidos em todos os encontros com os New Crusaders de Londres.



1. O sr. Casimiro Guedes, promotor do passeio. —2. O sr. Mateus dos Santos, outro dos promotorres do passeio.—3. Um grupo de excursionistas á praia das Maças —(Cliché do sr. Carlos Maia)



4. Os jogadores portuguezes e inglezes que se bateram no campo das Laranjeiras, o Sporting Club de Portugal e os New Crusaders, tendo estes vencido por 12 goals. (Cliché de Benoliel)